



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 2, maio-ago. 2021

O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL DE FERDINAND DE SAUSSURE EM SUAS TRADUÇÕES RUSSA E BRASILEIRA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS PARATEXTOS SOB UM PRISMA BAKHTINIANO



THE COURSE IN GENERAL LINGUISTICS BY FERDINAND DE SAUSSURE INTO THE RUSSIAN AND BRAZILIAN TRANSLATIONS: A COMPARATIVE ANALYSIS OF THE PARATEXTS THROUGH THE BAKHTINIAN PRISM

Igor Bezerra de MESQUITA
Universidade de São Paulo, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 19/11/2020 • APROVADO EM 30/04/2021
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i2.3040>

Resumo

O artigo objetiva investigar como as tradições linguísticas na Rússia e Brasil orientaram a tradução de textos de Saussure através da análise comparativa dos paratextos editoriais, segundo Genette, das edições de *Cours de Linguistique Générale* nas traduções ao russo e português. A análise é pautada principalmente pelas teorias linguísticas de Bakhtin e de seu Círculo, considerando os seguintes aspectos para análise: o horizonte social desses textos, o destinatário presumido, o fundo aperceptível de percepção. Capta-se, então, que o estatuto e a eminência que Saussure representou, bem como as diferenças das tradições linguísticas

em cada uma dessas culturas/línguas, transparecem na composição desse enunciado – isto é, nos seus paratextos, enunciados em contextos sociais e temporais muito distintos: Rússia da década de 1930, com tradição linguística datada do século XIX, e com forte influência da Linguística Alemã; Brasil da década de 1970, com a presença da Filologia e desenvolvimento da disciplina Linguística na academia.

Abstract

The article aims to investigate how the linguistic tradition in Russia and Brazil oriented the translation of Saussure's texts through a comparative analysis of the paratexts, according to Genette. The analysis deals with *Cours de Linguistique Générale* in the Russian and Portuguese translations, being founded mainly by Bakhtinian and his Circle's linguistic theories, considering the following aspects: the social purview of those texts, the presumed addressee, the apperceptive background of the addressee's perception. The status and eminence that Saussure raised, as well as the differences between the linguistic traditions in each of those cultures/languages, are noticeable in the utterance composition: that is, its paratexts, uttered in very different social and temporal contexts – 1930s Russia, with its linguistic tradition dated from the 19th century, and with strong German Linguistics' influence; and 1970s Brazil, with the presence of Philology and with the development of Linguistics as a discipline in the academy.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Curso de Linguística Geral; Paratextos; Bakhtin; Volóchinov; Ferdinand de Saussure.

Keywords: Course in General Linguistics; Paratexts. Bakhtin. Voloshinov. Ferdinand de Saussure.

Texto integral

Paratexto sob o prisma dialógico

A tradução é uma ponte para a democratização do conhecimento. Se para um indivíduo ler qualquer texto no mundo fosse necessário que ele conhecesse a língua em que o texto é escrito, ter-se-ia uma situação completamente insustentável. Portanto, traduzir é um ato indispensável para a produção e circulação do saber.

O exercício tradutório implica a construção de um novo enunciado que seja capaz de traduzir o projeto de dizer do autor, presumindo ao mesmo tempo os interlocutores e o contexto acadêmico da língua de chegada. Contudo, quando se abre um livro, não se veem apenas as páginas do texto sobre o que o livro se trata, mas também uma série de outras que o acompanham e o compõem. A capa, a orelha, a folha de rosto, as notas, todos esses elementos estão integrados ao livro, ao texto – ao *enunciado*. Por conseguinte, entender a natureza do enunciado é entender também a natureza desses elementos – dos *paratextos editoriais*.

Toma-se neste artigo a definição de enunciado dada por Bakhtin e seu círculo: “um todo historicamente individual, único e irreprodutível” (BAKHTIN, 2011, p. 334-335), ideológico enquanto pertencente a um fluxo discursivo-social. Esse fluxo é ininterrupto e, em virtude disso, o enunciado é constituído em consonância ou dissonância com as vozes de outros que disseram, pelas vozes de

outros que ainda dizem e por quaisquer vozes encontradas nesse fluxo, pois “[...] antes de mais nada ele é determinado de modo mais próximo pelos participantes do evento do enunciado, tanto os imediatos quanto os distantes” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206). Um artigo, por exemplo, quando se detém sobre determinado assunto, irreparavelmente, aciona outros artigos e pesquisadores que também se debruçaram ou se debruçam sobre ele, pois nunca se está falando sozinho no mundo: há sempre a presença de outros sujeitos e suas palavras. Sendo assim, todo enunciado é uma resposta a outro enunciado, mesmo que este não esteja materialmente presente naquele ou àquele (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184).

A partir disso, por conta dessa orientação sempre dirigida a outros contextos sociais e enunciativos, o enunciado não se estrutura individualizada e isoladamente da esfera social, mas é diretamente afetado por ela e reorganizado por influência dela. É o que afirma Volóchinov: “a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206, grifo original). Assim, o enunciado sempre apresenta um *destinatário presumido* e um *horizonte social*, que são primordiais para sua construção por conta dessas relações dialógicas que submetem o enunciado à adaptação e modulação de seu estilo e composição.

Ademais, à medida que sua identidade depende da situação e ambiente social em que se encontra, o destinatário presumido também evoca o *fundo aperceptível de percepção* dos interactantes do discurso. Quanto a isso, a afirmação de Bakhtin é elucidativa:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. (BAKHTIN, 2011, p. 302).

Percebe-se então como o fundo aperceptível não deixa de estar relacionado ao horizonte social e ao destinatário presumido em um enunciado. Com todas essas questões, o conjunto de experiências e conhecimento de mundo daquele que enuncia também influem na composição de um dado enunciado. Antes de Bakhtin, Jakubínski¹ já utilizara o termo “massa aperceptiva” para designar as influências do meio circundante que produzem elementos constantes e repetitivos ao fundamentarem e moldarem nossa percepção (JAKUBINSKI, 2015, p. 87-98).

Fica claro, dessa maneira, como o *horizonte social*, o *destinatário presumido* e o *fundo aperceptível de percepção dos falantes* são todos elementos que alicerçam e concretizam o enunciado, sendo essencial a anamnese desses fatores para compreensão de qualquer enunciado, inclusive daquele fruto de uma tradução – como afirma Francis Henrik: “Não se trata, nem seria o caso, de uma mesma mensagem: são duas as mensagens, como são duas as ‘roupagens’ linguísticas, mas visando fins comunicativos similares, [...] para que uma seja percebida como sendo a tradução – a equivalência – da outra” (AUBERT, 1994, p. 32).

Deste modo, quando nos debruçamos sobre a tradução para o russo e para o

português do *Cours de Linguistique Générale* (doravante *CLG*), levando em consideração as diferentes situações sociais e contextos históricos dos respectivos países – União Soviética (Rússia) dos anos 1930 e Brasil dos anos 1970 – e, por consequência, o fundo aperceptível de percepção dos destinatários a quem ela se dirige, vislumbramos que há uma influência de todos esses fatores na elaboração do texto traduzido, composto também pelos elementos que o envolvem, como melhor será esclarecido nos próximos parágrafos.

Uma vez explicitada a compreensão de *enunciado* e da tradução como um novo enunciado, torna-se possível a compreensão de *paratextos* e a possibilidade de sua vinculação à teoria bakhtiniana. Os elementos paratextuais fazem a mediação entre o “interior” e o “exterior”. A capa, por exemplo, é o primeiro contato que se tem com o livro; portanto, ela medeia a primeira relação a ser estabelecida entre um leitor e o texto, ou melhor, entre um interactante e o enunciado. Em certa medida, a capa já é o enunciado, posto que ela não é produzida de maneira alheada ao que está no interior do livro, mas sim de modo articulado ao enunciado. Como Genette afirma: “Mais frequentemente, então, o paratexto é ele mesmo um texto: se ainda não é o texto, já é *texto*” (GENETTE, 1987, p. 12, tradução nossa)².

Já citado, será de Genette que partirá a definição de que o *paratexto editorial*,

[...] se consiste ao menos em uma mensagem materializada, tem necessariamente um *lugar*, que se pode situar em relação àquela do próprio texto: em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e por vezes inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulos ou certas notas; a essa primeira categoria espacial, chamarei *peritexto*, certamente a mais típica [...] (GENETTE, 1987, p. 10, tradução nossa)³.

Os paratextos, aqui especificados na categoria de peritextos, mais relevante à análise, são: as notas, as capas, os ensaios introdutórios, as dedicatórias, as epígrafes, a tipografia, sem abstrair de elementos como a formação dos autores, que não se encaixam propriamente na definição de peritextos, mas sim na de *paratextos factuais*. Sobre esse último, Genette declara:

Eu qualifico como *factual* o paratexto que consiste, não numa mensagem explícita (verbal ou outra), mas num fato cuja própria existência, se ela é conhecida do público, incute algum comentário ao texto e tem peso em sua recepção. (...) “A verdadeira admiração, dizia Renan, é histórica”; pelo menos é certo que a consciência histórica de uma época que vê nascer uma obra é raramente indiferente a sua leitura. (GENETTE, 1987, p. 12-13, tradução nossa)⁴.

Evidencia-se, nesse excerto, o que Genette chama de *consciência histórica*, que é perfeitamente associável ao que Volóchinov nomeia de *horizonte social*. Ademais, se o paratexto – factual ou não – incute algum comentário ao enunciado e tem peso em sua recepção, ele é indissociável da leitura e depreensão mais apuradas do enunciado. Assim, torna-se clara a relação da teoria bakhtiniana de enunciado, horizonte social e fundo aperceptível da percepção com os paratextos, visto que é a partir deles, uma vez que também articulações composicionais integrantes do

enunciado, que se torna possível averiguar mais ampla e completamente o aspecto sócio-ideológico constitutivo do enunciado como um todo.

Considerando a importância desses elementos na recepção do texto, a análise comparativa dessas duas edições abordará esses elementos paratextuais, que, ao comporem esses enunciados, já são enunciados e, por conseguinte, podem e devem ser analisados como tal. Objetiva-se com esse procedimento perceber como esses paratextos, não só são submetidos aos fatores da realidade social circundante, mas também como eles, em virtude desses mesmos fatores, denunciam essa realidade.

O Curso de Linguística Geral: recepção, compreensão, superação

Datas, tradutores e prefaciadores

Iniciando-se a análise dos aspectos paratextuais, deparamo-nos com diferentes “paisagens” envolvendo os enunciados. A tradução russa é de 1933 e foi publicada pela editora soviética, ОГИЗ (Объединение государственных книжно-журнальных издательств [“União das editoras estatais literária-jornalísticas”]), pelo selo Соцэкгиз (социально-экономическое [“social-econômico”]) que viria a lançar textos de importantes autores, como os historiadores Solovióv, Kliutchévski, Uspiénski; os filósofos Florénski, Lósev *et alii*. O *CLG* pertence à série de livros intitulada Языковеды Запада [“Estudos Linguísticos do Ocidente”], dentro da qual ele é o primeiro lançamento, algo informado logo no artigo introdutório. Isso é representativo, porquanto a organização de um novo ideal socioeconômico motivou a orientação dos pensamentos científico e cultural da época, cuja oposição ao modelo capitalista criou um distanciamento generalizado de tudo que era exterior/burguês. Ter essa série, concebida em 1933, apresentando a obra *CLG* como primeiro lançamento denota não só seu valor em si mas também o valor que seu “autor” Saussure auferiu nos 17 anos de sua publicação até então.

A edição russa vem com a tradução direta do francês por Alieksêi Sukhótin (1888-1942), tradutor e linguista formado no Московский институт востоковедения [“Instituto Moscovita de Estudos Orientais”], que participou da Escola russa de fonologia, surgida a partir dos estudos sobre fonema desenvolvidos por Baudouin de Courtenay, este considerado como um dos responsáveis juntamente com Saussure por prenciar elementos da corrente linguística estruturalista. Em 1933, Sukhótin tornou-se professor no Московский городской педагогический институт [“Instituto Municipal Pedagógico de Moscou”], ocupando a cátedra de língua russa. A atuação de Sukhótin revela seu conhecimento das questões que rondavam a linguística à época e sobre as quais versava o *CLG*, algo que pode ter potencializado uma tradução atenta à precisão conceitual e terminológica.

Rozália Chor (1894-1939) foi uma importante linguista e estudiosa da história da literatura, formada na Второй Московский государственный университет [“Segunda Universidade Estatal de Moscou”, hoje Московский педагогический государственный университет “Universidade Estatal de Pedagogia de Moscou”], professora de 1928 a 1930 da Universidade Estatal do Azerbaijão e chefe do departamento de estudos linguísticos na Московский государственный педагогический институт иностранных языков (Instituto

Estatal Moscovita de Pedagogia de Línguas Estrangeiras). Chor ficou encarregada da revisão e das notas e foi ela quem concebeu a criação da série “Estudos Linguísticos Ocidentais” na qual a tradução do Curso foi lançada, o que mostra como a responsável pela confecção das notas da obra estava engajada e estimada em sua tradução.

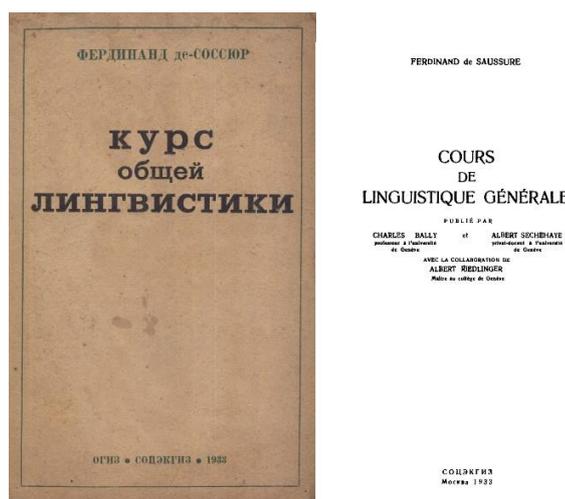
A tradução é precedida por um artigo introdutório escrito por Dmitri Vvedénski (1890-1986), professor a partir de 1945 na Московский педагогический государственный институт [“Instituto Estatal de Pedagogia de Moscou”], hoje Московский педагогический государственный университет [“Universidade Estatal de Pedagogia de Moscou”], onde se dedicava à pesquisa da língua e do estilo da literatura russa dos séculos XIX-XX. Seu artigo é intitulado ФЕРДИНАНД де-СОССЮР И ЕГО МЕСТО В ЛИНГВИСТИКЕ [“Ferdinand de Saussure e seu lugar na linguística”], no qual se traça uma análise rigorosa acerca do estatuto das teorias linguísticas de Saussure.

Agora, quando vamos à edição brasileira, o que observamos é uma conjuntura diferente. A tradução é datada de 1969, coeditada pela Cultrix e pela Editora da Universidade de São Paulo, período em que os estudos linguísticos e filológicos brasileiros cresceram. A edição brasileira também vem com tradução direta do francês, mas empenhada por três pessoas, a saber: Antônio Chelini, professor de latim na Universidade de São Paulo e graduado em Letras Clássicas na mesma faculdade; José Paulo Paes (1926-1998), poeta, tradutor e crítico literário, que colaborou, dentre vários, com os jornais da Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo, tendo iniciado seu trabalho na Editora Cultrix em 1963 e sendo conhecido, principalmente a partir de 1981, pelas suas traduções literárias; e Izidoro Blikstein, graduado em Letras Clássicas em 1960 pela Universidade de São Paulo e com mestrado em Linguística Comparativa em 1962 pela Université Lumière Lyon 2. Atualmente é professor adjunto da Fundação Getúlio Vargas com experiência na área da comunicação e dedica-se à Semiótica e Intertextualidade. O fato de haver um poeta e crítico literário entre os tradutores funda questionamentos acerca do porquê de selecioná-los para tradução da obra linguística. De qualquer modo, essa escolha pode ter garantido uma dicção mais fluida e embelezada à tradução e, com os outros dois tradutores formados na disciplina de estudos linguísticos, com certeza houve atenção e preocupação às ideias vinculadas ao texto-fonte, não se tratando apenas de um embelezamento de superfície. Ademais, o fato de que a disciplina Linguística no Brasil só adquiriu espaço a partir dos anos de 1960 é um motivo de alta relevância para compreender por que a primeira edição do *Curso* só pôde ser traduzida em conjunto por três pessoas – não havia na época cursos de pós-graduação em Linguística (MEGALE; CAMBRAIA, 1999, p. 3).

Há, similarmente à edição russa, um aparato que antecipa a tradução, intitulado “Prefácio à edição brasileira”, escrito por Isaac Nicolau Salum (1913-1993), professor de línguas, bacharelado em 1940 em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e licenciado em Letras Clássicas e Português pela Universidade de São Paulo, onde foi professor titular de filologia românica do Departamento de Letras. Salum teve forte e profícua produção científica nas áreas de linguística e filologia.

Capas

As capas e as primeiras folhas de um livro, ao apresentarem fisicamente a obra para o leitor, buscam despertar seu interesse e antecipam ênfases valorativas (VOLÓCHINOV, 2017, p. 110-112) do editor a respeito do seu conteúdo. Por conseguinte, elas não são um epifenômeno ou um subproduto, mas sim importante ponto de partida para análise e compreensão do enunciado em suas intrincadas relações de composição dialógica. Dito isso, começa a análise com a reprodução abaixo da capa da tradução russa e da primeira página do *CLG* no original:



Percebemos a simplicidade e objetividade com que a capa da tradução russa é composta: o título da obra centralizado e em maior evidência, o nome do autor localizado no topo, mas com um tom mais claro em relação ao título, mesmo tom que carregam o nome da editora e o ano da publicação na parte inferior do fólio. Também é notável como as palavras “Curso” [“Curso”] e “Лингвистики” [“Linguística”] têm uma fonte maior que todas as outras, o que pode indicar uma escolha do editor em dar maior relevância ou atenção à *matéria* do livro e ao *modo* que ela será tratada, já que “curso” remete a um didatismo, a um lecionar. Ao lado da capa, há a reprodução da terceira página com que se depara o leitor⁵: a folha de rosto da edição original de *CLG*. É decerto interessante o efeito impresso no leitor, já que se provoca uma certa fidedignidade na edição, como se, apesar de se ter em mãos uma tradução, ela transmitisse um enunciado pareado e equivalente ao original.

A página seguinte reforça essa ideia de fidedigno pela utilização do mesmo “modelo” e disposição tipográfica da folha de rosto do original veiculada na página anterior, agora com as informações da edição russa. No entanto, concomitantemente a essa fidedignidade dada pela disposição verbo-visual da página, a opacidade da tradução para a escrita russa cirílica provoca um distanciamento do texto em francês, reforçado também com o dado da parte superior da página, o de que a edição do livro pertence à série de “Estudos Linguísticos Ocidentais”.

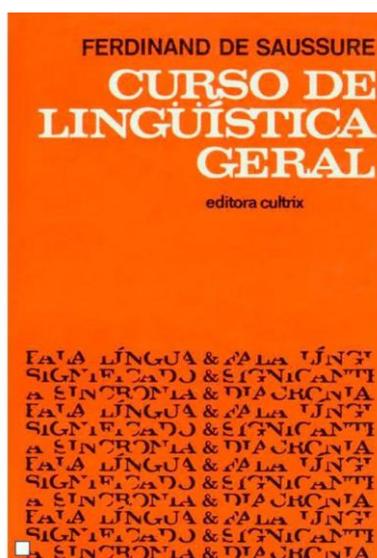
ФЕРДИНАНД де СОССЮР

КУРС
ОБЩЕЙ ЛИНГВИСТИКИ

изданный
Ш. БАЛЫ и А. СЕШЕЗ
при участии А. РИДЛИНГЕР

Перевод со второго французского издания А. М. Сухоткина
под редакцией и с примечаниями Р. И. Шор
Вводная статья Д. Н. Введенского

No caso da capa da edição brasileira, já se percebe uma distribuição diferente, muito em razão dos anos que separam a publicação das duas traduções (36 anos para ser mais preciso), visto que até mesmo a disposição verbo-visual muda com o passar do tempo.



FERDINAND DE SAUSSURE

CURSO DE
LINGÜÍSTICA GERAL

Organizado por
CHARLES BALY e ALBERT SECHENAYE

com a colaboração de
ALBERT RIEDLINGER

Prefácio à edição brasileira:
FRANCIS NICOLAUS SARTOR
(da Universidade de São Paulo)



EDITORA CULTRIX
São Paulo

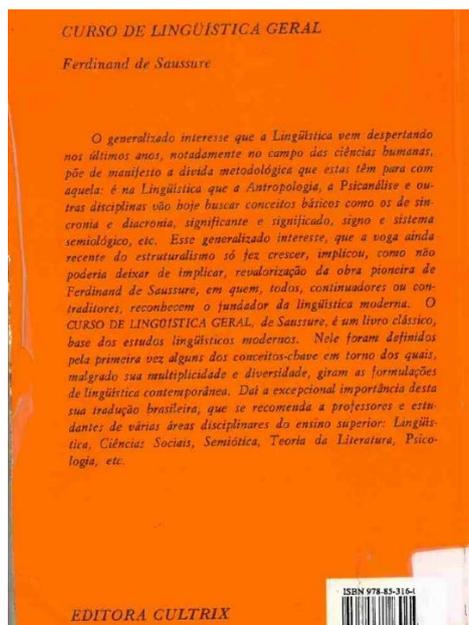
A capa tem uma cor laranja mais forte, se comparada ao bege da edição russa e, assim como esta, tem o nome “Ferdinand de Saussure” no topo da capa, seguido pelo título da obra logo abaixo. Contudo, a distribuição no espaço é diferente, já que as identificações se encontram mais aglutinadas no canto superior direito. A data, ao contrário da edição russa, não está na capa, nem aparece em nenhuma parte da edição, sendo apenas inferida pela afirmação do prefácio de Salum dos “apenas 54 anos de atraso” em relação à publicação do original. Levantam-se questionamentos sobre essa decisão, como: a demora da tradução poderia ser considerada um demérito, daí a não aparição de sua data?

Na parte inferior da capa, tomando quase metade de seu espaço, a estilização das mais famosas dicotomias saussurianas (fala & língua; significado & significante; sincronia & diacronia) já ilumina como se deu e ainda se dá a leitura que se tem de

Saussure, ainda mais quando se pensa novamente no intervalo de tempo entre essa tradução e o original, o que proporcionou um período de reflexão acerca de sua obra sob prismas distintos, dada a inexistência de uma tradução em todos esses anos.

Em seguida, a folha de rosto, do mesmo modo que a edição russa, reproduz tipologicamente a versão original do título da obra em português, buscando uma fidedignidade com o original, diferenciando-se, porém, desta no que diz respeito à não inclusão da página original em francês.

A quarta capa da edição também antecipa para o leitor o lugar da obra no horizonte das ciências humanas:



Neste pequeno texto, cuja autoria não é informada, leem-se afirmações para “vender” o livro: “obra pioneira de Ferdinand de Saussure, em quem, todos, continuadores ou contraditores, reconhecem o fundador da linguística moderna”; “O CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL, de Saussure, é um livro clássico, base dos estudos linguísticos modernos”. Junto com isso, a interdisciplinaridade, na qual a linguística se encontraria como centro irradiador, motiva “a excepcional importância desta sua tradução brasileira, que se recomenda a professores e estudantes de várias áreas disciplinares do ensino superior: Linguística, Ciências Sociais, Semiótica, Teoria da Literatura, Psicologia, etc.”

É patente como a capa da edição brasileira fornece mais informações a respeito da obra e da abordagem que dela se terá do que a capa da edição russa. Inclusive, o entusiasmo diante de Saussure, que é observado já na capa da edição brasileira, não só não está na capa da edição russa, como sequer aparece em seu interior, como será tratado subsequentemente.

Artigo introdutório e prefácio

Da mesma forma que as capas e folhas de rosto, todavia de maneira mais intensa por haver maior espaço para discussões e seu aprofundamento, os artigos

introdutórios e prefácios orientam a recepção do texto pelo leitor antes de entregá-lo à obra em si. Não obstante poderem contra-argumentar que isso enviesa a leitura e “rapta” a liberdade interpretativa do leitor, são os peritextos parte constitutiva do enunciado, isto é, são também enunciado, reiterando o traço social-ideológico presente em toda interação discursiva, condição fulcral de todo enunciado. Assim, nesse sentido, toda leitura é direcionada, porque todo enunciado é dialógico, e cabe ao leitor reconhecer tal natureza e emancipar-se nesse reconhecimento.

Isso posto, o artigo introdutório da edição russa é formado pelas seguintes articulações composicionais:

1. Задачи издания [“Tarefas da edição”]
2. Младограмматизм и его критика [“Neogramática e sua crítica”]
3. Краткий обзор величайших направлений в буржуазной лингвистике XX в. [“Pequeno panorama das mais importantes direções da linguística burguesa do século XX”]
4. Основные положения Фердинанда де-Соссюра в учении о языке [“Propostas basilares de Ferdinand de Saussure no estudo da língua”] – este subdividido em:
 - a. Внешняя и внутренняя лингвистика [“Linguística Externa e Interna”],
 - b. Определение де-Соссюром языка [“Definição de Língua de Saussure”],
 - c. Движение языка по де-Соссюру [“A mudança da língua por Saussure”],
 - d. Вопросы фонетики и грамматики в трактовке де-Соссюра [“Questões de fonética e gramática no tratado de Saussure”]
5. Социология Дюркайма и лингвистическая концепция де-Соссюра [“Sociologia de Durkheim e o conceito linguístico de Saussure”]
6. Соссюризм на Западе и у нас [“Saussurismo no Ocidente e aqui”] e
7. Выводы [“Conclusões”]

Num primeiro momento, aufere-se, então, com esse artigo introdutório, a forte influência dos ideais socialistas do combate àquilo que minimamente remetesse a um “pensamento burguês”, ou seja, pensamentos que desconsideram o pressuposto marxista da luta de classes – isso já é apontado na primeira seção, mas focalizado na subseção “a”, em que Vvedénski levanta por que Saussure não responde ao problema de em que se apoia a evolução da língua e por que há a desconsideração das forças materialistas da luta de classes, mantendo-se apenas em fatores históricos e geográficos. O levantamento desse conceito é reflexo claro do fundo aperceptível de percepção dos pesquisadores – no caso, de Vvedénski, autor do artigo – e dos leitores presumidos que, em 1933, num contexto pós-revolução de 1917, estavam ainda sob a forte onda entusiástica do ideário socialista-soviético. Isso fica nítido já com a citação de Lênin na primeira página do artigo cujo ato por si só já é suficiente para atestar isso, mas também com o conteúdo: “O marxismo de forma alguma descarta todas as conquistas da época burguesa; pelo contrário, incorpora e retrabalha tudo que foi valioso nos mais de dois mil anos de desenvolvimento das culturas e pensamentos da humanidade” (VVEDÉNSKI, 1933, p. 5)⁶. Vvedénski acrescenta a isso a noção de superação desses conhecimentos, a qual está de acordo com a concepção de uma dialética histórica. Esta espalha-se por todo o artigo, já que a postura de leitura sustentada por Vvedénski é a de que os

pensamentos ocidentais são anteriores, justamente por sua estrutura econômica e social o ser; daí a importância de seu estudo, mas com um único fim: o de superá-los.

Evidentemente, isso não significa que Vvedénski não implementa um procedimento científico e crítico para tal objetivo, tendo em vista que são mobilizadas diversas referências, relações e conceituações de outros linguistas e pensadores contemporâneos pertencentes à tradição linguística; muito menos que ele não reconhece o valor dos estudos linguísticos do ocidente, tanto que diz:

Na verdade, na história da linguística russa pré-revolucionária refletiram-se diferentes fases do desenvolvimento do pensamento linguístico ocidental. [...] Estudiosos de filologia e linguistas do século XIX: Buslaev, Potebniá, Ovsianiko-Kulikóvski, Fortunátov, Chákhmatov, Porjezinski e outros repetiram em solo russo postulados fundamentais de Bopp, Schleicher, J. Grimm, Steinthal, de neogramáticos: Brugmann, Delbrück, Paul et alii. (VVEDÉNSKI, 1933, p. 6, tradução nossa)⁷.

Apesar de a superação ser o mote do artigo e da própria tradução da obra, definitivamente há uma postura de estudo e de análise do objeto discutido. Ademais, como já percebido, nenhum enunciado é imune aos aspectos socioideológicos; por conseguinte, percebe-se também a recorrência de determinadas referências motivadas pela fatura histórica do pensamento linguístico russo em relação ao alemão, apontadas diretamente por Vvedénski, como visto na citação, e até mesmo pelos títulos das seções: “Neogramáticos e sua crítica”, por exemplo. Em outras palavras, é perceptível a forte eminência do pensamento alemão na ciência russa, uma vez que são diversos os cientistas e pesquisadores alemães citados ao longo do artigo. Por mais que ao ler o *CLG* também se encontrem os nomes de muitos desses pesquisadores, ainda assim não há a mesma incidência observada no artigo introdutório de Vvedénski, denotando como o entorno social também é responsável por organizar o enunciado. Dessa maneira, o artigo introdutório entra simultaneamente em relações dialógicas de concordância – pensando na citação de Lênin, por exemplo – e de polêmica aberta (conferir BAKHTIN, 1983, p. 169-170) – pensando, dentre vários aspectos, nas teorias consideradas por Vvedénski individualistas, dos neogramáticos e de Durkheim (esta última discussão é apontada na seção 5, afirmando Vvedénski que Saussure tem como substrato de sua metodologia a postura de pesquisa durkheimiana, desprovida do caráter materialista, e que só reforça um sociologismo por convenção do que propriamente um método sociológico – discussão desenvolvida na subseção “b”, alegando que o que Saussure propõe é um estudo da consciência individual de vários indivíduos em sua interação interpsicológica, algo que, ao fim e ao cabo, não se diferencia de todo do individualismo neogramático).

Por sua vez, no prefácio à edição brasileira, tem-se um caráter diferente do artigo introdutório presente na tradução russa, já prenunciado no próprio nome e anunciado por Salum no primeiro parágrafo:

Estas palavras introdutórias à edição brasileira do *Cours de linguistique générale* não pretendem expor ou discutir as doutrinas

linguísticas de Ferdinand de Saussure, nem tampouco apresentar a versão portuguesa no que ela significa como transposição do texto francês. Visam a uma tarefa bem mais modesta, mas, talvez, mais útil ao leitor brasileiro, estudante de Letras ou simples leigo, interessado em Linguística: fornecer informações sobre o famoso linguista suíço e sobre a sua obra e indicar algumas fontes para estudo das grandes antinomias saussurianas, ainda na ordem do dia, meio século depois da 1ª edição do *Cours*, embora provocando ainda hoje diálogos mais ou menos calorosos. (SALUM, 1970, p. XIII).

Já fica claro o objetivo proposto por esse prefácio, que, ao contrário do artigo introdutório da edição russa, não é dedicado especialmente a um estudo crítico e à superação das teorias saussurianas; mas sim, destina-se, em primeiro lugar, a uma contextualização histórico-biográfica sobre o linguista e sua obra – após o prefácio de Salum, há a página XXIV com um sucinto quadro biográfico de Ferdinand de Saussure – e, em segundo lugar, a uma indicação de fontes das principais antinomias de Saussure. Aqui sem dúvida já se demonstra qual é a postura presumida pelo texto que o leitor terá ao longo da leitura da obra, uma que não pressupõe um nível de conhecimento aprofundado ou especializado sobre o assunto. Salum na penúltima página do prefácio retoma essa característica e conclui: “A edição a ser oferecida a um público mais amplo só pode ser a que consagrou a obra: a edição crítica, de leitura pesada, será obra de consulta de grande utilidade para os especialistas e para os mais aficionados” (SALUM, 1969, p. XXII). Arma-se aqui mais um ponto de divergência com a edição russa, que explicita seu destinatário como já pertencente ao campo de estudos linguísticos, os “especialistas da língua (pós-graduandos, pedagogos, estudiosos de literatura, estudantes que pretendem tornar-se professores)” (VVEDÉNSKI, 1933, p. 5)⁸, portanto, familiarizados em certo nível com as discussões suscitadas pelo artigo introdutório e pelo texto do *CLG*. Observa-se exatamente o que Volóchinov afirma acerca do destinatário presumido como uma força modificadora e estruturadora do enunciado; assim, este depende daquele para sua construção (conferir primeira citação VOLÓCHINOV, 2017, p. 206).

O prefácio prossegue com comentários sobre as traduções ao longo das décadas do *CLG* para diversas línguas e aponta uma defasagem da leitura *per se* do Curso no Brasil, já que muitos sabem das proposições saussurianas por meio de vias terceiras nas universidades, não entrando em contato direto com o texto. Dentre as razões pelas quais isso acontece, Salum comenta sobre a inexistência da tradução para o português do Curso até então, o que limita a acessibilidade ao texto integral. Essa restrição não é diretamente levantada na edição russa, mesmo porque sua tradução não é tão distante do original, não chegando a 20 anos de diferença das publicações.

Um ponto interessante que vai, em certo grau, ao encontro do levantado por Vvedénski no artigo introdutório é o valor e relevância que a obra de Saussure assoma. Para Salum, ela “não é uma ‘bíblia’ da linguística moderna, que dê a última palavra sobre os fatos, mas é ainda o ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia” (SALUM, 1969, p. XV). Ele comenta sobre o fato de muitos considerarem o *CLG* “superado”, e aqui se engendra um posicionamento similar ao realizado por Vvedénski, pois Salum diz “só há, porém, um meio honesto de superá-

lo: é lê-lo, repensar com outros os problemas que ele propôs” (SALUM, 1969, p. XV). Essa última afirmação explicita o procedimento empreendido por Vvedénski em seu artigo, já que ele não só levanta conceitos e questiona-os, como também traz referência das tradições linguísticas até àquela época, como a dos Neogramáticos, e até de outras esferas do saber, no caso de Durkheim; assim, de fato houve um ato de *repensar com outros*. Esse posicionamento demonstra uma preocupação e ética científicas, pois a superação das teorias e postulados saussurianos não é recusada – no caso da edição russa é na verdade encorajada, diferentemente da edição brasileira –, mas só é possível, para ambos os pesquisadores, quando se dedica à leitura da obra, seu conhecimento e sua apreensão. É fascinante, contudo, como essa superação é suscitada e motivada por contextos muito diferentes: no Brasil, essa reivindicação de que Saussure está superado aparece após 54 anos da publicação de sua obra, tempo suficiente para pesquisadores do mundo todo se aprofundarem e redescobrirem sua teoria, tendo, no contexto brasileiro, sua tradução como forma de repensar a obra saussuriana a partir da sua leitura, já que não é justificável uma refutação “tácita”. Na Rússia, a publicação não se dá tão tardiamente como a brasileira (*CLG* é traduzido para o russo 17 anos depois), mas, como já comentado previamente, todo o contexto histórico-social do socialismo soviético influi e movimenta a postura de superação do pensamento saussuriano, assim como de todo pensamento burguês.

Salientamos um ponto que, até então, em nenhum momento é anunciado na edição russa: a questão da autoria da obra. No prefácio, Salum levanta-a e discute como isso não é tão estranho à história do pensamento ocidental, visto que tudo o que sabemos de, por exemplo, Sócrates e Jesus⁹ nem ter sido descrito muitas vezes por testemunhas oculares. No entanto, essa discussão não serve como argumentação para relevar esse fator de recebimento “de segunda-mão” (SALUM, 1969, p. XVI); pelo contrário, adapta nossa leitura, ao informar que a obra não foi criada por Saussure, mas pela reunião de anotações de um grupo de alunos – sendo que Charles Bally e Albert Sechehaye, organizadores e editores do *CLG*, não estavam no curso e reuniram as anotações de outros alunos que estiveram em um dos três cursos ministrados por Saussure (SALUM, 1969, p. XVIII). A partir disso, Salum tece suas considerações a esse respeito, afirmando a problemática crítica que a confecção e publicação de *CLG* representa, posto o que Saussure não estava contente com a estrutura da matéria que ele viria a lecionar, e as anotações dos estudantes são, ao fim e ao cabo, notas de aula, que sem dúvida trazem em si a subjetividade de seus autores.

Quando se traz isso ao prefácio, o destinatário-presumido é encaminhado à leitura da obra resguardando o fato de que nem tudo que está ali é necessariamente ponderação direta de Saussure. Inclusive, Salum afirma que a famosa última frase do livro “a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua encarada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1969, p. 271) é dos editores, não de Saussure. Essa diferença das edições é significativa, pois o que se percebe é como, na russa, a postura de “superação” de uma ciência “burguesa” guia todo o artigo introdutório e é o que propriamente o alimenta. Na brasileira, o estatuto da importância das teorias saussurianas é estabelecido e até reivindicado por Salum, que ao fim declara que “Saussure está longe de vir a ser superado” (SALUM, 1969, p. XXII); no entanto, existe uma urgência de ordem filológica e sinóptica do estabelecimento de um texto

fidedigno aos conceitos e às ideias de Saussure. Essa preocupação simplesmente não vem à tona no artigo de Vvedénski, algo que se compreende ao se observar o horizonte social da época, em que o embate ideológico contra um pensamento burguês era premente na então União Soviética. Por outro lado, a “inquietação” mais filológica de Salum, não só denuncia sua formação, como também explicita que no Brasil a disciplina linguística ainda caminhava muito rente à filológica.

Em ambas as edições, o que se segue ao prefácio de Salum e ao artigo introdutório de Vvedénski é o prefácio à primeira edição dos editores C. Bally e A. Sechehaye, em que há a exposição das decisões e do processo da confecção do livro. Aqui se revela a escassez de anotações diretas de Saussure e o fato de os organizadores recorrerem às anotações dos alunos, aceitando o risco que essa atitude causaria. Percebe-se então que, apesar de não debatido por Vvedénski, a questão da autoria está presente na edição russa, embora não tão assiduamente como na brasileira. A leitura que se tem, por conseguinte, é a de que as teorias vinculadas no texto são mais importantes do que desvencilhar a figura de Saussure dessas teorias; Vvedénski não apresenta um incômodo em relação à cisão entre as ideias verdadeiramente de Saussure e as ideias ditas saussurianas, ambos existentes no texto – analisa apenas aquelas a que se tem acesso.

Por outro lado, a leitura exposta por Vvedénski de que *CLG* manifesta pensamentos que já foram idealizados por outros não é recusado pelos próprios editores do Curso, que dizem:

Inversamente, censurar-nos-ão talvez por termos reproduzido desenvolvimentos relativos a pontos já adquiridos antes de F. de Saussure. Nem tudo pode ser novo numa exposição assim vasta; entretanto, se princípios já conhecidos são necessários para a compreensão do conjunto, querer-se-á censurar-nos por não havê-los suprimido? (BALLY; SECHEHAYE, 1915).

Todavia, pelo fato de o artigo vir antes desse prefácio, pode-se ter a inferência de que essas ideias que já existiam e não foram concebidas por Saussure não foram reconhecidas pelos editores, tomando-as eles como originais e inovadoras. É claro que Vvedénski realiza um minucioso trabalho ao apontá-las e evidenciá-las, algo que poderia ter sido feito pelos editores da edição original, mas seu artigo acaba predispondo ao leitor essa visão de que a obra de Saussure pretende ser integralmente inovadora, intenção não pretendida pelos editores e não reivindicada por eles.

Notas

Este é um ponto divergente entre as edições: a russa vem com uma série de notas de Rozália Chor em suas páginas finais (da 208 a 260), enquanto a brasileira contém em rodapé as notas dos próprios organizadores da edição original de *CLG*, e, de quando em quando, notas dos tradutores para exemplificar paralelos em língua portuguesa. Isso harmoniza perfeitamente com o objetivo explicitado nos textos introdutórios de cada edição, já que, como visto anteriormente, Salum deixou bem claro no prefácio à edição brasileira que o intuito daquela tradução não era levantar discussões aprofundadas e críticas aos conceitos saussurianos, mas sim

proporcionar ao leitor, leigo ou especializado, a leitura da obra de fato.

A respeito das notas dos tradutores brasileiros, pode-se observar: “No caso da palavra portuguesa *ensino* ou *ensinamento*, as palavras associadas serão *ensinar*, e depois *armamento*, *desfiguramento*, etc., e por fim *educação*, *aprendizagem*, etc.” (SAUSSURE, 1969, p. 148); “Exemplos equivalentes em português: *dificuldade* comparada com *facilidade*, *farei* e *poderei*” (SAUSSURE, 1969, p. 144); “Na palavra portuguesa *bond-ade*, por exemplo, o elemento *bond* não significa nada sem o sufixo que o acompanha” (SAUSSURE, 1969, p. 148). Foi esse punhado de notas escolhido para denotar como sua maior função é *exemplificar* e dar *paralelos* à língua francesa por meio da língua portuguesa, a fim de aclarar o que foi dito no texto original, cujos muitos exemplos são em francês. Mais uma vez pensando no público leitor dessa edição, essas notas comportam-se em congruência com o que foi proposto logo no prefácio, daí não haver nenhuma nota que informe ou exponha dificuldades ou escolhas de tradução, por exemplo, pois isso já se caracterizaria como uma visada mais relacionada a um estudo científico não requisitado pelo destinatário-presumido.

Outras notas dos tradutores brasileiros que vão ao encontro dessa postura de esclarecer ao destinatário presumido os trechos que poderiam exigir um conhecimento da língua francesa são: “Trata-se, no caso, do *r* francês, dito *grasseyé* ou *velar*” (SAUSSURE, 1969, p. 67) e “No segundo caso, *mois* é pronunciado com o *s* porque antecede vogal: no primeiro, o *s* não é pronunciado porque antecede consoante” (SAUSSURE, 1969, p. 122). Esses deixam mais evidente a preocupação com o desconhecimento do francês e suas regras por parte do leitor, postura inadequada caso o leitor presumido fosse estudioso da língua, por exemplo. Todavia, mesmo assim nasce uma dúvida quanto à total coerência nessa conduta de edição, porque a ausência de notas mais aprofundadas, dedicadas a trechos mais intrincados ou que pressupõem um conhecimento que o leitor pode não ter vai na contramão ao esclarecimento de um leitor leigo.

Em contrapartida, as notas do tradutor Sukhótin na edição russa têm composição e função diferentes, basta observar algumas delas: “Transferidos na tradução proposta pelos termos ‘neizmiéntchivost’ e ‘izmiéntchivost’, os termos ‘immutabilité’ e ‘mutabilité’ foram traduzidos às vezes por ‘neizmeniáiemost’ e ‘izmeniáiemost’” (SAUSSURE, 1933, p. 81, tradução nossa)¹⁰; “O termo ‘valeur’ às vezes era transmitido aos postulados em russo de Saussure pelo termo ‘significância’. Sem dúvida, o autor utilizou aqui a plurissignificação do francês ‘valeur’, que se traduz como ‘significado’, ‘significância’, ‘valor’, ‘valia’” (SAUSSURE, 1933, p. 87, tradução nossa)¹¹. Por meio delas, a forma mais disposta à exposição de minúcias e decisões de tradução aponta a um público cujo conhecimento mais científico seria avesso à forma das notas brasileiras, como analisado acima.

Contudo, ainda há, a despeito da divergência de destinatários presumidos, notas na edição russa que, assim como na brasileira, servem para, a partir de paralelos com a língua russa, ilustrar o que se diz em determinado trecho: “Com o exemplo da *m* surdo pode-se relacionar o último som da palavra ‘drahm’ [“de dracmas”] (caso genitivo plural de ‘drahma’ [‘dracma’])” (SAUSSURE, 1933, p. 61, tradução nossa)¹²; “Exemplos de *r* e *r*’ surdos na língua russa são: *Piotr, vepr* [‘javali’]” (SAUSSURE, 1933, p. 63, tradução nossa)¹³.

Quando partimos à análise das notas russas organizadas pela linguista

Rozália Chor numa seção exclusiva do livro, há primeiro um pequeno prólogo em que se reconhece Ferdinand de Saussure como um famoso pesquisador franco-suíço, cuja publicação da primeira tradução de sua obra ao russo “põe ao redator uma tarefa bastante complicada, apesar da facilidade e graciosidade da língua e das expressões claras do original” (SAUSSURE, 1933, p. 208, tradução nossa)¹⁴. Aqui é a primeira vez em que se comenta o fato de que o Curso foi escrito a partir das anotações de estudantes – tirando obviamente o prefácio escrito pelos organizadores do original – e, por isso mesmo, apresenta “muitos capítulos que se restringem somente a breves instruções, dicas concisas, frequentemente sem a citação de nomes e fatos, insinuações polêmicas contra proposições que são pressupostas como famigeradas ao ouvinte”¹⁵ (SAUSSURE, 1933, p. 208, tradução nossa); logo em seguida, como que em consequência dessa natureza da obra, a tradução serviria como “uma familiarização não só com o caminhar geral do raciocínio de Saussure, mas também com o material ilustrativo com que essas discussões são corroboradas” (SAUSSURE, 1933, p. 208, tradução nossa)¹⁶.

Chor esclarece em suas notas que o desenvolvimento ou a clarificação desses vários trechos concisos e das etimologias e nomes no corpo da tradução seria inimaginável, já que “se destruiria o caráter do original” (SAUSSURE, 1933 [1916], p. 208, tradução nossa)¹⁷. Chor enfatiza que as notas não têm como objetivo criticar a construção do pensamento saussuriano, já que o artigo introdutório já teria cumprido essa tarefa; assim, elas teriam uma função mais modesta: “evidenciar dicas e colocações polêmicas localizadas no texto, apontar algumas referências bibliográficas de considerações, clarificar etimologias e fatos gramaticais ilustrados no texto” (SAUSSURE, 1933, p. 208, tradução nossa)¹⁸. Finaliza-se o prólogo com a afirmação de que haverá acréscimos quando se achar necessário de considerações feitas por outras correntes linguísticas, a fim de avaliar a originalidade da construção do pensamento saussuriano.

É nítida, portanto, a diferente postura com que Chor tece suas considerações sobre Saussure, se comparada com Vvedénski, pois ela em nenhum momento discute a questão de “linguística burguesa”, nem da ausência da luta de classes como índice estruturador de uma abordagem científica da linguagem. Isso está em pleno acordo com a própria afirmação no pequeno prólogo de que não seriam tratadas questões de avaliação das proposições linguísticas saussurianas, mas também não deixa de se alinhar a um possível posicionamento da linguista, uma vez refletido que Chor era uma das principais estudiosas do pensamento linguístico na Rússia da época, fato averiguado pela citação de seu nome e de Durnovo por Vvedénski em seu artigo introdutório e, até mesmo, pela referência a trechos de seus artigos por Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 223). Assim, mesmo que ela alegue que a existência do artigo introdutório é o que a isenta de discutir e criticar mais fortemente os conceitos saussurianos, não deixa de haver um resguardo por parte dela em não fazer tal procedimento científico.

Em contrapartida, não significa que Chor acate tudo o que está veiculado em *CLG*; ela estrutura suas notas, trazendo esclarecimentos em alguns pontos, mas principalmente apontando referências a outros trabalhos relacionados aos pontos comentados no texto, provenientes tanto da tradição linguística mais antiga quanto daquela mais contemporânea. Por exemplo, na nota localizada na página 213, há: “Pág. 36. ... Em todos os casos de afasia ou agrafia, infringe-se... a capacidade de, por

meio de algum instrumento, seja qual for, evocar na consciência os signos de dado sistema linguístico” (SAUSURRE, 1933, p. 213, tradução nossa)¹⁹. Logo abaixo, há a nota de Rozália Chor: “Sobre os mais recentes estudos de afasia e agrafia que confirmam as colocações de Saussure, conf. H. Delacroix, Le language et la pensée, 1924” (SAUSURRE, 1933, p. 213, tradução nossa)²⁰. Essa nota é representativa, pois expõe muito bem como é a abordagem de Chor em toda a seção de notas – a maior parte das variações diz respeito apenas à extensão, já que em alguns casos se expõem mais claramente dados relacionados ao termo ou conceito destacados, e à variedade de referências apontadas, já que, a depender do assunto, uma bibliografia mais ampla é apresentada.

Mais um exemplo é: “Pág. 35. Antes de tudo, nada comprova... que nosso aparato vocal foi predeterminado para falar, da mesma maneira que nossas pernas não o foram para andar” (SAUSURRE, 1933, p. 213, tradução nossa)²¹, no que Chor subscreve “Esse exemplo de Saussure é detalhadamente expandido com Sapir no seu capítulo introdutório de ‘Language’, 1921” (SAUSURRE, 1933, p. 213, tradução nossa)²². Essa nota exemplifica bem como Chor segue o que de fato foi proposto de explicitar relações que são presumidas como conhecidas pelo leitor. Vê-se, então, como são evidenciados os trechos que estão em debate por outros linguistas, algo que, conforme se prossegue na redação das notas, resulta num verdadeiro compêndio de discussões sobre teorias e conceitos linguísticos das mais diversas abordagens e pontos de vista.

Há também a recorrência de referências a trabalhos dos Neogramáticos, inclusive dos já citados por Vvedénski em seu artigo introdutório, como Hermann Paul, mas também de vários outros linguistas, como Van Ginneken, Hjemlev, Humboldt. Este último, muito citado em razão de sua forte contribuição à tradição linguística russa, sendo considerado como precursor de muitas reflexões no que tange à filosofia da linguagem (GRILLO, 2017, p. 18). Como comentando antes, transparece com isso, aquém de uma unidade do *modus operandi* da edição (tendo em vista que Vvedénski também faz paralelos com os Neogramáticos e pensadores alemães de modo geral), o destaque que as ciências alemãs tiveram sobre as ciências russas, esta, aliás, com uma longa tradição, proveniente do século XIX e com eminentes linguistas, como Badouin de Courtenay e Aleksáedr Potebniá. Comprova-se mais uma vez, portanto, como o horizonte social e o fundo aperceptível de percepção estão presentes na construção e organização do enunciado.

Após as notas, tem-se, como comentado no texto introdutório a elas, um índice onomástico de linguistas e pesquisadores e uma lista de disciplinas citados na obra, fator que mais uma vez agrega à preocupação do texto como fonte de estudo e de consulta para especialistas da língua, que de certo modo já estão acostumados com os debates desse meio científico. Entretanto, essa edição não deixa também de desempenhar um papel importante para os leitores leigos, uma vez que seu caráter panorâmico, que revela inúmeros livros e artigos a propósito de ideias e conceitos levantados no texto, funciona como um contextualizador para quem quer que tenha acesso a essa edição.

Considerações finais

Logo na introdução se afirmou a perspectiva de que uma tradução é um novo enunciado, que carrega elementos da língua de partida para composição do sentido equivalente no novo enunciado da língua de destino, inevitavelmente perpassando pelos aspectos de horizonte social, fundo aperceptível de percepção, destinatário presumido, contexto sócio-histórico. Em harmonia com isso, os paratextos responsáveis por envolver o enunciado central traduzido influem na sua composição, pois também são enunciado e, portanto, reflexos e refrações desses elementos.

A edição russa já em seus paratextos manifesta o impacto do entusiasmo de um novo sistema socioeconômico perpetrado pela ideologia marxista-leninista do estado soviético, que se conjuga em uma postura avaliativa e analítica imbuída desses valores. Isso é explicitamente notado já com a citação *ipsis litteris* de Lênin na primeira página do prefácio e com a constante reivindicação de Vvedénski pela inserção da dinâmica da luta de classes na análise linguística. Além disso, o ideário marxista-leninista encontra-se mais sutilmente na própria forma de escrita da edição, calcada numa observância científica de apreensão e compreensão minuciosas de uma obra linguística considerada burguesa, para fins de sua superação. Percebe-se, de qualquer modo, as nuances desse horizonte social, uma vez que se lembre da ausência de um posicionamento premente como o de Vvedénski quando se trata das notas redigidas por Chor. É preciso considerar ainda a afirmação clara, no prefácio, de que o destinatário presumido são os especialistas da língua e a afirmação subentendida, nas notas, de que há uma preocupação no fornecimento amplo de obras de referência da área. Esses fatores reorganizam o enunciado, haja vista que seus elementos composicionais – isto é, seus paratextos – são reflexos diretos desse destinatário presumido e de seu horizonte social. Este último verificado pela existência do artigo introdutório (que só pelo seu título “artigo” já erige uma massa aperceptiva “científica” do público-leitor) e das notas (distribuídas em 53 páginas ao final da edição) e pela forma como são construídos esses elementos, incluindo a tradução em si, que, com suas próprias notas, indica também uma tradição científica consolidada no enunciado russo. Assim, por via do destinatário presumido, do horizonte social e do fundo aperceptível, a intrincada estrutura do enunciado é criada.

Focalizando a figura do tradutor, percebe-se que toda sua formação, muito pautada na linguística de seu tempo – especialmente pela sua interação com a Escola russa de fonologia, encabeçada por Baudouin de Courtenay –, já o coloca num lugar distinto na produção do enunciado, porque, como anteriormente apontado, seu conhecimento linguístico indubitavelmente contribui com a melhor seleção de palavras para transmissão, por vezes, mais precisa das ideias do texto-fonte, isto é, das expressões apropriadas para acurada representação dos pensamentos saussurianos no original. Esse plano de fundo já é verificável nos elementos paratextuais, demonstrando como, apesar de não serem a tradução em si, de certa maneira, já são uma tradução, ao se pensar que sua presença impõe um reordenamento do enunciado, a produção de um novo enunciado. O próximo passo a ser feito, então, para colaboração do que é visto nos componentes paratextuais que envolvem a tradução do texto-fonte é a análise do enunciado de Sukhótin, tradutor da obra ao russo.

Na edição brasileira, também por meio de seus paratextos, denuncia-se um contexto demasiado diferente; assim, um enunciado bastante distinto. Os 54 anos que separam a tradução do original fizeram acumular muitos pré-julgamentos daqueles que conheciam a obra, mesmo por aqueles que não a tivessem lido (PIOVEZANI, 2008, p. 10-11). Salum já no prefácio desenha um eficiente panorama do contexto social, cujas ênfases valorativas majoritárias haviam solidificado antinomias saussureanas e conceitos considerados superados, algo já observado na capa da edição brasileira, por sinal, em virtude das estilizações dos termos “fala x língua”, “significado x significante”, “sincronia x diacronia”. Foi por volta da data da publicação dessa tradução, no início da década de 1970, que a pós-graduação no Brasil começou a se firmar e se desenvolver, promovendo estudos linguísticos de modo mais diverso e intenso. Por conseguinte, a atenção e intenção de Salum em dar acesso à mesma forma que consagrou a obra no original caminha ao encontro dessa visão de avançar os estudos linguísticos e acadêmicos do país, talvez até com o intuito de uma caminhada mais rente à academia francesa, tão influente na construção do pensamento acadêmico brasileiro. A tradução sem notas especializadas e com intervenção mínima dos editores brasileiros serve como estruturação de um enunciado “límpido”, em outras palavras, que mimetiza uma autenticidade e imparcialidade tradutórias. Entretanto, as comparações com textos religiosos realizadas por Salum no que diz respeito à confecção do *CLG* modulariam esse efeito de imparcialidade planejado, algo que não provoca um demérito; muito pelo contrário, denota a riqueza interior e subjetiva daqueles que se debruçam sobre a produção de um enunciado. Nele é posto a pluralidade de vozes que ressoam na voz do(s) interactante(s).

Ao trazer esses dados do contexto embrionário dos estudos linguísticos de pós-graduação no Brasil, compreende-se a decisão de três tradutores para feitura da tradução brasileira. Izidoro Blikstein e Antonio Chelini tiveram sua graduação em Letras Clássicas, típica e comum à época, sendo relevante notar que Blikstein realizou seu mestrado de Linguística Comparativa na Université de Lumière Lyon 2, ou seja, no exterior, o que mais uma vez confirma a ausência da pós-graduação no Brasil, em específico na área da Linguística. Portanto, o que se pode interpretar é como a busca por uma boa tradução fez necessária a reunião de três estudiosos, a fim de que o enunciado apresentasse uma qualidade e uma fidedignidade, suprimindo o déficit de linguistas pós-graduados. José Paulo Paes, crítico literário, poeta e tradutor, talvez possa ter participado do aspecto “lapidador” da tradução, uma vez que Salum explicita a preocupação pela edição que consagrou a obra. Juntando à asserção de Rozália Chor de que a escrita original apresenta uma graciosidade e clareza que dificulta o trabalho do tradutor, a participação de José Paulo Paes desempenharia essa função: a de manter o mesmo tom e “melodia” do enunciado original.

Por fim, a análise desse artigo acaba por desmistificar a visão de uma tradução “despersonalizada” e desprovida de qualquer vestígio do trabalho do tradutor, além de reivindicar que, se sob o prisma bakhtiniano a língua é um material dialógico e ideológico, a tradução também o é. Aquém disso, tudo isso já é captado por se lidar com esse mesmo material no campo paratextual, quando não se realiza a tradução propriamente dita, mas quando já se lança um olhar ao enunciado a ser traduzido, colocando-o em determinada posição, valoração, interpretação. Fica

perceptível como esses fatores não são alheios ao enunciado, mas fulcrais para sua composição e organização, de um lado; e para sua interpretação e compreensão, de outro.

Notas

¹Altera-se aqui a transliteração feita no livro *Sobre a fala dialogal*, organizado por Irina Ivanova, para seguir a convenção de transliteração estabelecida nos últimos anos na área de eslavística no Brasil. Liév Jakubínski foi um proeminente formalista russo, cujos alguns conceitos foram posteriormente desenvolvidos por Volóchinov e Bakhtin. Seu livro demonstra um importante desenvolvimento do pensamento linguístico, uma vez que reivindica o estudo da linguagem em ação, em seu funcionamento. O fato de ser ele pertencente ao Formalismo Russo e discutir questões caras à teoria bakhtiniana é trazido aqui para demonstrar a evolução gradativa e constitutiva dessa e de toda ciência.

²No original: “Le plus souvent, donc, le paratexte est lui-même un texte: s’il n’est pas encore le texte, il est déjà du texte”.

³No original: “si du moins il consiste en un message matérialisé, a nécessairement un emplacement, que l’on peut situer par rapport à celui du texte lui-même: autour du texte, dans l’espace du même volume, comme le titre ou la préface, et parfois inséré dans les interstices du texte, comme les titres de chapitres ou certaines notes; j’appellerai péricite cette première catégorie spatiale, certainement la plus typique”.

⁴No original: “Je qualifie de factuel le paratexte qui consiste, non en un message explicite (verbal ou autre), mais en un fait dont la seule existence, si elle est connue du public, apporte quelque commentaire au texte et pèse sur sa réception. (...) « La vraie admiration, disait Renan, est historique »; du moins est-il certain que la conscience historique de l’époque qui vit naître une oeuvre est rarement indifférente à sa lecture”.

⁵A segunda página carrega apenas uma página em branco com o emblema da editora nela centralizado, que, por fins de economia de espaço, se optou por não reproduzir aqui.

⁶No original: “Марксизм отнюдь не отбросил ценнейшие завоевания буржуазной эпохи, а, напротив, усвоил и переработал все, что было ценного в более чем двухтысячелетнем развитии человеческой мысли и культуры” (Vvedénski, p. 5)

⁷No original: “В самом деле, в истории дореволюционной русской лингвистики отражались разные фазы развития лингвистической мысли Запада. (...) Ученые филологи и лингвисты XIX века: Буслаев, Потебня, Овсянко-Куликовский, Фортунатов, Шахматов, Поржезинский и др. повторяют на русской почве последовательно основные положения Боппа, Шлейхера, Я. Гримма, Штейнтала, младограмматиков: Бругмана, Дельбрюка, Пауля и т. п.”.

⁸No original: “‘Курс общей лингвистики’ Ф. де-Соссюра представляет собой первую попытку дать в руки специалистов по языку (аспирантов, педагогов, литературных работников, учащихся в педвузах) (...)”.

⁹Em outro ponto, ao comentar sobre a edição crítica e sinóptica de 1968 de CLG, Salum mais uma vez faz uma comparação com um exemplo religioso: o texto dos evangelhos, *Synopsis Quattuor Evangeliorum*, que condiz perfeitamente com seu repertório crítico, em virtude de sua formação em Teologia. Manifesta-se, portanto, a influência de sua massa aperceptiva na percepção e reflexão de questões críticas.

¹⁰No original: “Передаваемые в предлагаемом переводе терминами ‘неизменчивость’ и ‘изменчивость’ французские термины ‘immutabilité’ и ‘mutabilité’ переводились иногда терминами ‘неизменяемость’ и ‘изменяемость’”.

¹¹No original: “Термин ‘valeur’ передавался иногда в русских изложениях де-Соссюра термином ‘значимость’. Бесспорно, автор использовал здесь многозначность французского ‘valeur’, которое означает и ‘значение’ и ‘значимость’ и ‘ценность’ и ‘стоимость’.”

¹²No original: “Примером глухого м в русском языке можно привести последний звук слова ‘драхм’ (род. множ. от ‘драхма’)”.

¹³No original: “Примеры глухих р и рь в русском языке: Петр, вепрь”.

¹⁴No original: “ставит перед редактором русского текста довольно сложную задачу, несмотря на легкость и изящество языка и четкое изложение подлинника”.

¹⁵No original: “весьма существенных разделов ограничивается лишь краткими указаниями, сжатыми намеками, часто без упоминания имен и фактов, полемическими выпадами против положений, которые предполагаются известными слушателям”.

¹⁶No original: “ознакомление читателя не только с общим ходом рассуждений де-Соссюра, но и с тем иллюстративным материалом, которым рассуждения эти подкрепляются”.

¹⁷No original: “нарушило бы характер подлинника”.

¹⁸No original: “раскрыть намеки и полемические указания, встречающиеся в тексте, развернуть в некоторых местах библиографические указания, разъяснить этимологии и грамматические факты, иллюстрирующие текст”.

¹⁹No original: “Стр. 36. ‘... Во всех случаях афазии или аграфии нарушается... способность каким бы то ни было орудием вызывать в сознании знаки данной языковой системы’ ”

²⁰No original: “О новейших исследованиях афазии и аграфии, подтверждающих положения де-Соссюра, см. H. Delacroix, *Le langage et la pensée*, 1924”.

²¹No original: “Стр. 35. ‘Прежде всего вовсе не доказано, ... что наш голосовой аппарат предназначен для говорения в той же мере, как наши ноги для ходьбы’ ”.

²²No original: “Этот пример де-Соссюра детально развернуть Сэпиром в вводной главе его ‘*Language*’, 1921”

Referências

AUBERT, F. H. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Unicamp, 1994.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981.

GENETTE, G. *Seuils*. Paris: Payot et Rivages, 1987.

GRILLO, S. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. In: VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 7-82.

JAKUBINSKI, L. *Sobre a fala dialogal*. Trad. Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MEGALE, H.; CAMBRAIA, C. N. Filologia portuguesa no Brasil. *Delta*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), São Paulo, v. 15, n. Especial, p. 1-22, 1999.

PIOVEZANI, C. Saussure e o discurso: o Curso de Linguística Geral lido pela Análise do Discurso. *Alfa* (ILCSE/UNESP), v. 52, p. 7-20, 2008.

SALUM, I. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, F. de; BAILLY, C.; SÉCHEHAYE, A. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969, p. XIII-XXIII.

SAUSSURE, F. de; BAILLY, C.; SÉCHEHAYE, A. *Kurs óbschei lingvístiki [Curso de linguística geral]*. Tradução de A. Sukhótin. Moscou: Etsegekiz, 1933.

SAUSSURE, F. de; BAILLY, C.; SÉCHEHAYE, A. *Curso de linguística geral*. Tradução de

Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.

VVEDÉNSKI, D. Ferdinand de Saussure i egó miésto v lingvístike. In: SAUSSURE, F. de; BAILLY, C.; SÉCHEHAYE, A. *Kurs óbschei lingvístiki [Curso de linguística geral]*. Tradução de A. Sukhótin. Moscou: Etsegkiz, 1933, p. 5-21.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.



Para citar este artigo

MESQUITA, Igor Bezerra de. O *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure em suas traduções russa e brasileira: uma análise comparativa dos paratextos sob um prisma bakhtiniano. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 2, p. 459-480, maio-ago. 2021.

O autor

[Igor Bezerra de Mesquita](#) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo.